

# CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE OLIVIER MESSIAEN (1908-2008)

---

**10 Dezembro 2008**

Palco do Grande Auditório  
21H00

**M/12 anos**

## **QUARTETO PARA O FIM DO TEMPO (1941) DE OLIVIER MESSIAEN**

Concerto evocativo do centenário do nascimento de Olivier Messiaen  
10 Dezembro 1908/2008

No dia 10 de Dezembro de 1908 nascia, em Avignon, Olivier Messiaen, que viria a tornar-se o mais importante compositor francês da geração posterior à de Debussy e Ravel. Messiaen estudou no Conservatório de Paris e foi organista de La Trinité, tendo composto três ciclos de música para órgão, entre 1934 e 1939. Feito prisioneiro durante a Guerra pelo exército de ocupação nazi, foi internado num campo de concentração na Silésia, onde compôs o célebre *Quatuor pour la fin du temps*. Profundamente católico, a sua obra sinfónica, de vastas proporções, é constantemente marcada pela sua espiritualidade e por uma pesquisa de sonoridades muitas vezes encontradas em culturas distantes ou na Natureza, como nas diversas obras escritas a partir do canto dos pássaros.

O Schostakovich-Ensemble, ensemble associado do CCB esta temporada, junta-se às comemorações do centenário do nascimento de Olivier Messiaen interpretando o famoso *Quarteto para o Fim do Tempo*.

## **SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE**

**PASCAL MORAGUÈS** - clarinete

**PRIYA MITCHELL** - violino

**PAVEL GOMZIAKOV** - violoncelo

**FILIFE PINTO-RIBEIRO** - piano

Poemas de **NELLY SACHS** ditos por **BEATRIZ BATARDA**  
(tradução de João Barrento)

**Beatriz Batarde vestida por José António Tenente**

Espaço cénico de **PAULO NOZOLINO**

**Apoio:** José António Tenente

## Programa

- As Chaminés
  - A Vós que construís a nova casa
  - Mas quem vos despejou a areia nos sapatos
  - Mãos
  - E roubastes até
  - Ah, a noite das crianças a chover
  - Cingida já pelo braço do consolo dos ceús
  - Caíram há muito as sombras
  - Vós, espectadores
- *Quarteto para o fim do Tempo* (Olivier Messiaen)
- Coro dos que foram salvos

## OLIVIER MESSIAEN (1908-1992)

*Quatuor pour la fin du Temps*

### 1. *Liturgie de cristal*

*Bien modéré, en poudroiemment harmonieux*

### 2. *Vocalise, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps*

*Robuste, modéré – Presque vif, joyeux – Modéré – Presque lent - Modéré*

### 3. *Abîme des oiseaux*

*Lent, expressif et triste*

### 4. *Intermède*

*Décidé, modéré, un peu vif*

### 5. *Louange à l'Éternité de Jésus*

*Infiniment lent, extatique*

### 6. *Danse de la fureur, pour les sept trompettes*

*Décidé, vigoureux, granitique, un peu vif*

### 7. *Fouillis d'arcs-en-ciel, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps*

*Rêveur, presque lent – Robuste, modéré, un peu vif – Extatique – Robuste, modéré, un peu vif*

### 8. *Louange à l'Immortalité de Jésus*

*Extrêmement lent et tendre, extatique*

Olivier Messiaen (1808-1992) foi um dos compositores mais importantes e mais originais do século XX. Mantendo sempre uma posição muito própria, o que é cada vez mais evidente hoje em dia, Messiaen esteve durante décadas na vanguarda musical do pós-guerra, influenciando muitos jovens compositores com as suas obras e as suas aulas, lendárias, no Conservatório de Paris.

Messiaen nasceu a 10 de Dezembro de 1808 em Avignon, filho da poetisa Cécile

Sauvage e de Pierre Messiaen, professor de inglês e conhecido tradutor de Shakespeare. Interessou-se pela música desde muito cedo começando a ter aulas de piano e, a partir 1919, ano em que a família foi viver para Paris, frequentado o Conservatório onde estudou até 1930. Nesse período teve aulas com Paul Dukas (1865-1935) e com o organista Marcel Dupré (1886-1971), entre outros.<sup>1</sup> Com vinte e dois anos Messiaen foi nomeado organista na Igreja *La Trinité* em Paris, posto que ocupou durante toda a vida – o órgão tornar-se-ia, aliás, um instrumento determinante na sua produção musical.

Durante esses anos Messiaen foi criando um estilo musical próprio, grandemente influenciado pela sua intensa fé cristã, assim como pelas suas investigações das métricas gregas e das *deçi-tâlas*, formulas rítmicas provenientes da centenária tradição musical hindu.<sup>2</sup> Há que referir que a investigação de tradições musicais não-ocidentais e de outras fontes musicais – como as suas investigações ornitológicas – foi determinante para o desenvolvimento estilístico do compositor.

As inovações rítmicas, harmónicas e melódicas pelas quais Messiaen é conhecido, e que mais tarde explicou com a publicação, em 1944, do tratado *Technique de mon langage musical*, como os ritmos não reversíveis, o valor adicionado e os modos de transposição limitada, assim como a transcrição e adaptação de cantos de pássaros, começaram a surgir durante a década de 1930.<sup>3</sup>

Em Junho de 1936, o grupo *La jeune France*, formado por Messiaen e pelos compositores André Jolivet, Daniel Lesur e Yves Baudrier, organiza o seu primeiro concerto. O objectivo era rejuvenescer a música francesa, dando-lhe vida e tornando-a mais humana. Na Salle Gaveau são interpretadas duas obras de Messiaen: *Hymne* e *Les Offrandes oubliées*. No entanto, com o surgir da guerra, as actividades do grupo e a sua influência acabaram por ser irrelevantes.

Nesse mesmo ano, Messiaen é nomeado professor na Ecole Normale de Musique e na Schola Cantorum.

Incorporado no exército francês em 1939, é capturado em 1940, sendo então transportado para um campo provisório e, mais tarde, para o campo de prisioneiros Stalag VIII A, na pequena cidade de Görlitz na Silésia – a leste da cidade de Dresden, sobre a actual fronteira com a Polónia. Foi aqui, em condições precárias, que o compositor escreveu o *Quarteto para o fim do Tempo* (45-50 min.), uma das suas poucas obras de música de câmara – o que contribui para o seu interesse –, mas uma das mais conhecidas e, certamente, uma das mais emblemáticas do século XX.

Messiaen esteve detido até Maio de 1941, altura em que foi repatriado e foi no cativeiro, durante os últimos meses de 1940 e o início de 1941, que escreveu esta obra. Segundo o próprio, um oficial alemão deu-lhe papel de música, lápis e borrachas e foi-lhe permitido conservar as partituras que transportava na altura.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Uma das suas grandes influências de juventude foi Claude Debussy (1862-1918), cuja ópera *Pelléas et Mélisande* (1893-1895) foi, nas palavras de Messiaen, uma verdadeira revelação. A Claude Samuel, o compositor disse mesmo que esta obra esteve na base da sua vocação (as gravações dos encontros entre O. Messiaen e C. Samuel estão disponíveis para audição no site [www.messiaen2008.com](http://www.messiaen2008.com)).

<sup>2</sup> Em relação à sua fé, Messiaen dizia que tinha nascido cristão e que a religião fazia parte da sua natureza humana.

<sup>3</sup> Alguns anos depois, o compositor admitiu que *Technique de mon langage musical* estava desactualizado e que estava a trabalhar noutro tratado. Este, bem mais ambicioso, viria a ser completado pela sua mulher, a pianista Yvonne Loriod, e publicado depois da morte do compositor com o título *Traité de rythme, de couleur, et d'ornithologie*.

<sup>4</sup> Entre as quais estavam os *Concertos Brandeburgueses* de J. S. Bach e a *Suite Lírica* de Alban Berg.

No que toca à génese do *Quarteto*, a princípio o compositor escreveu uma pequena peça para violino, violoncelo e clarinete, intitulada *Intermède*, para ser interpretada por três outros detidos. Estes eram o violoncelista Étienne Pasquier, o clarinetista Henri Akoka e o violinista Jean le Boulaire, a quem o compositor se juntou, mais tarde, quando conseguiu arranjar um piano.

Todo o *Quarteto* foi escrito progressivamente à volta desta secção que acabou por se tornar no seu quarto andamento. Não é certo, todavia, se ao escrever a obra o compositor tinha uma ideia predefinida da sua estrutura final, ou se os andamentos foram acrescentados, um a um, de forma mais espontânea (ou menos planeada). A verdade é que existem várias relações que podem ser estabelecidas entre algumas secções da peça, o que demonstra a vontade, da parte de Messiaen, de lhe conferir uma certa unidade e uma personalidade musical própria.

Quanto a isto e para nos limitarmos aos casos mais evidentes, poderemos salientar a estreita relação entre o segundo e o sétimo andamentos e, também, as semelhanças entre o quinto e o oitavo, dois andamentos que são baseados em obras compostas anteriormente – *Fêtes des belles eaux* (1937) e *Diptyque* (1930).

O *Quarteto* foi escrito “Em homenagem ao Anjo do Apocalipse, que levanta a mão ao céu e diz: ‘Não haverá mais Tempo’”. Embora este lado religioso da obra de Messiaen possa ser relativizado pelos ouvintes, não o podemos de forma alguma desprezar. De facto, a mensagem religiosa, mesmo se subjectiva, era central para Messiaen e quase toda a sua obra gira à volta deste parâmetro. Para o compositor, a música era um meio de exprimir a sua fé e não um fim em si. Nesta perspectiva também, e considerando a época em que viveu, podemos dizer que Messiaen foi um compositor deveras original.

Como nos indica a dedicatória do *Quarteto*, o compositor baseou-se no décimo capítulo do Livro do Apocalipse de São João, o último livro da Bíblia, que o compositor cita, com adaptações, no prefácio à partitura. No entanto, e não obstante o carácter explicitamente religioso da obra, o próprio compositor disse: “não quis, de forma alguma, fazer um comentário do Apocalipse, mas simplesmente motivar o meu desejo de cessação do tempo”. Ideia que, no *Quarteto*, é sobretudo representada pela incerteza rítmica generalizada.

A estreia da obra deu-se a 15 de Janeiro de 1941 no campo de detenção. Antes da execução o compositor deu uma pequena palestra ao público presente constituído por prisioneiros e por soldados alemães. Anos depois, em conversa com Antoine Goléa, Messiaen resumiu o que havia dito na altura: “Disse-lhes, em primeiro lugar, que este quarteto tinha sido escrito para o fim do tempo, não como um jogo de palavras sobre o tempo de cativo, mas para o fim dos conceitos de passado e de futuro: isto é, para o começo da eternidade, a para tal confiei no magnífico texto da Revelação...”

O compositor terá igualmente afirmado, em relação à estreia do *Quarteto* no campo de detenção, que nunca foi escutado com tanta consideração e compreensão.

A natureza musical da peça é, como já foi referido, muito particular. Para tal contribuem o conjunto (pouco comum) de instrumentos utilizado e, sobretudo, os elementos muito próprios à linguagem musical de Messiaen. No prefácio à edição da obra, o compositor dá-nos umas pistas para melhor a compreender: “a sua linguagem musical é essencialmente imaterial, espiritual e Católica. Modos que produzem uma espécie de ubiquidade tonal, melódica e harmónica, transportam aqui o ouvinte em direcção à eternidade no espaço ou ao infinito. Ritmos particulares, para além da

métrica, contribuem fortemente para a dissipação da temporalidade”.

Cada andamento mereceu também um comentário do compositor aquando da publicação da obra. Mais do que pistas para uma compreensão musical, Messiaen fornece-nos uma perspectiva mais subjectiva sobre o contexto da criação e significado de cada uma das secções, prestando particular atenção às cores e texturas expressas pelos sons:

**I. Liturgie de cristal.** *Entre as três e as quatro horas da manhã, o despertar dos pássaros: um melro ou um rouxinol improvisa sozinho, rodeado por poeiras de som, por uma auréola de chilros perdidos na altitude das árvores. Transpondo isto para um plano religioso, têm o silêncio harmonioso do paraíso.*

**II. Vocalise, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps.** *A primeira e a terceira parte, muito curtas, evocam o poder do poderoso anjo, coroado por um arco-íris e vestido por uma nuvem, que coloca um pé no mar e outro na terra. A secção central apresenta as harmonias impalpáveis do paraíso. Suaves cascatas de acordes azul-laranja no piano criam um carrilhão distante que envolve a melodia tipo cantochão do violino e violoncelo.*

**III. Abîme des oiseaux.** *Clarinete solo. O abismo é o Tempo, com os seus lamentos e fadigas. Os pássaros são o oposto do Tempo; são o nosso desejo de luz, de estrelas, de arco-íris e canções jubilantes.*

**IV. Intermède.** *Scherzo, de carácter mais extrovertido que os outros andamentos, contudo ligado a eles através de reminiscências melódicas.*

**V. Louange à l'Éternité de Jésus.** *Jesus é aqui considerado como Palavra. Uma longa frase do violoncelo, infinitamente lenta, enaltece com amor e reverência a eternidade desta Palavra afável e poderosa, “que os anos nunca apagarão”. Majestosamente, a melodia desenvolve-se numa espécie de distância terna e suprema. “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus”.*

**VI. Danse de la fureur, pour les sept trompettes.** *Ritmicamente, a secção mais característica da peça. Os quatro instrumentos em uníssono soam como gongos e trompetes (as primeiras seis trompetes do apocalipse e as várias catástrofes a elas associadas, a trompete do sétimo anjo que anuncia a consumação do mistério de Deus). A utilização de valores adicionados, ritmos aumentados ou diminuídos e ritmos não reversíveis. Música de pedra, temerosas sonoridades de granito; movimento irresistível de aço, de enormes blocos de fúria púrpura, de delírio gélido. Ouçam sobretudo o fortissimo aterrador do tema aumentado e as mudanças de registo das suas diversas notas, pouco antes do final da peça.*

**VII. Fouillis d'arcs-en-ciel, pour l'Ange qui annonce la fin du Temps.** *Alguns trechos do segundo andamento reaparecem. O Anjo poderoso aparece, e sobretudo o arco-íris que o envolve (o arco-íris: símbolo de paz, sabedoria e de todas as vibrações luminosas e sonoras). Nos meus sonhos, ouço acordes e melodias reconhecidas, vejo formas e cores familiares; depois, a seguir a este estado transitório, vou para além da realidade e submeto-me em êxtase a uma vertigem, um enlaço giratório de sons e cores sobre-humanas. Estas espadas de fogo, estas correntes de lava azul-laranja, estas estrelas súbitas; este é o tumulto dos arco-íris!*

**VIII. Louange à l'Immortalité de Jésus.** *Um longo solo de violino que corresponde ao violoncelo do quinto andamento. Porquê este segundo louvor? É particularmente dirigido ao segundo aspecto de Jesus, a Jesus-Homem, à Palavra feita carne, ressuscitado imortal para nos doar a vida. Tudo é amor. A sua subida lenta em direcção ao extremo do registo agudo é a ascensão do homem em direcção ao seu Deus, do filho de Deus em direcção a seu Pai, do ser abençoado em direcção ao Paraíso.*

A estreia pública do *Quarteto* dá-se no dia 24 de Junho de 1941, no Théâtre des Mathurins em Paris, com Messiaen ao piano, Jean Pasquier ao violino, André Vacellier ao clarinete e Étienne Pasquier ao violoncelo.

Pouco depois de ser liberto, Messiaen é nomeado professor de harmonia no Conservatório de Paris. Em 1947 é criada uma cadeira de análise musical especialmente para o compositor e quase vinte anos mais tarde, em 1966, torna-se professor de composição. Entre os seus alunos, durante os anos, destacam-se nomes como Pierre Boulez (n. 1925), Karlheinz Stockhausen (1928-2007), Yvonne Loriod (n. 1924; com quem Messiaen se casa em 1961, depois da morte da sua primeira mulher, Claire Delbos), Iannis Xenakis (1922-2001) e Jean Barraqué (1928-1973), entre outros.

Além de leccionar com frequência em inúmeros países em todo o mundo, Messiaen permanece como professor no Conservatório até se reformar em 1978. Como compositor, mantém-se activo até morrer, em Paris, no dia 27 de Abril de 1992.

Francisco C. Sasseti

# POEMAS

## NELLY SACHS

NAS MORADAS DA MORTE  
Tradução de JOÃO BARRENTO

*Aos mortos, meus irmãos e irmãs*

O TEU CORPO EM FUMO ATRAVESSANDO OS ARES

*E depois de roída minha pele,  
então verei a Deus desde minha carne.  
(Livro de Job [19, 26])*

### **AS CHAMINÉS, AS CHAMINÉS**

Nas engenhosas invenções das moradas da Morte  
Quando o corpo de Israel, feito fumo,  
Atravessou os ares —  
Uma estrela o acolheu, limpa-chaminés,  
E fez-se negra —  
Ou seria um raio de sol?

As chaminés, as chaminés!  
Estradas da liberdade para o pó de Jeremias e de Job —  
Quem vos inventou e levantou pedra a pedra  
A estrada para os fugitivos feitos fumo?

Ah, as moradas da Morte,  
Tão acolhedoras  
Para o dono da casa que já foi hóspede —  
Dedos, dedos,  
Preparando a soleira da porta  
Como uma faca entre vida e morte —

Chaminés, chaminés!  
Dedos, dedos!  
E o corpo de Israel em fumo atravessando os ares!

*Há pedras que são como almas.*  
Rabi Nachman

### **A VÓS, QUE CONSTRUIS A NOVA CASA**

QUANDO LEVANTARES DE NOVO AS TUAS PAREDES —  
Lareira, catre, mesa e cadeira —  
Não enfeites de lágrimas os que partiram  
E já não irão morar contigo  
Nem a pedra  
Nem a madeira —  
Se o fizeres, haverá choro no teu sono  
Breve, mas que tens de dormir.

Não suspires ao fazer a cama —  
Se o fizeres, os teus sonhos misturam-se  
Com o suor dos mortos.

Ah, paredes e utensílios  
São sensíveis como harpas ao vento  
E como um campo onde cresce a tua dor,  
E sentem o que em ti é parente do pó.

Ergue a casa enquanto a areia se escoia na ampulheta,  
Mas não chores com os minutos que correm.  
Não te juntes ao pó  
Que encobre a luz.

### **MAS QUEM VOS DESPEJOU A AREIA DOS SAPATOS**

Quando tivestes de vos levantar para morrer?  
A areia que Israel trouxe para casa,  
A areia da sua diáspora?  
Areia ardente do Sinai,  
Misturada com as gargantas dos rouxinóis,  
Misturada com as asas das borboletas,  
Misturada com o pó nostálgico das serpentes,  
Misturada com tudo o que restou da sapiência de Salomão,  
Misturada com o segredo amargo do vermute —

Dedos, dedos  
Que despejastes a areia dos sapatos dos mortos,  
Amanhã já vós próprios sereis pó  
Nos sapatos dos que vêm do futuro!

### **MÃOS**

Dos jardineiros da Morte,  
Que da camomila do berço  
Que medra nas duras várzeas  
Ou na encosta,  
Criastes Morte, o monstro gerado na estufa do vosso ofício.

Mãos  
Que arrombais o tabernáculo do corpo,  
Dentes de tigre abocanhando os sinais dos mistérios —  
Mãos,  
Que fazíeis vós  
Quando éreis mãos de crianças pequenas?  
Pegar numa gaita de beijos, talvez?  
Na crina de um cavalo de baloiço?  
Agarrar a saia da mãe no escuro?  
Apontar para uma palavra no livro de leitura? —  
Seria Deus? Ou talvez Homem?

Vós, mãos que estrangulais,  
Estaria morta a vossa mãe,  
Vossa mulher, o vosso filho,  
Para assim ocupardes as mãos com a morte apenas,  
Vós, mãos que estrangulais?

#### **E ROUBASTES ATÉ**

Aos velhos o último alento  
Que já chamava pela Morte.  
O ar vazio,  
Fremente de expectativa para exalar o suspiro  
De alívio com que se renuncia a esta Terra —  
Até o ar vazio vós roubastes!

Uma vez ainda  
Espremestes dos velhos  
Os olhos ressequidos  
Até lhes arrancardes o sal do desespero —  
Tudo o que nesta estrela ainda  
Se contorce de dor,  
Todo o sofrimento que sobe das escuras masmorras dos vermes  
Se acumulou então —

Vós, ladrões das mais puras horas da morte,  
De últimos alentos e das pálpebras que dizem «Boa noite»  
De uma coisa podeis estar cientes:

O anjo juntará  
O que espalhastes ao vento,  
Da meia-noite antecipada dos velhos  
Levantar-se-á um sopro feito de últimos alentos  
Que lançará esta estrela desarvorada  
Para as mãos do seu Senhor!

### **AH, A NOITE DAS CRIANÇAS A CHORAR!**

A noite das crianças marcadas para a morte!  
Todas as portas se fecharam ao sono.  
Guardas tenebrosas  
Ocuparam o lugar das mães,  
Os músculos das mãos tensos, a falsa Morte,  
Que semeiam por paredes e tectos —  
Por toda a parte chocam os ovos do horror.  
O medo, não o leite da mãe, alimenta os mais pequenos.

Ontem ainda a mãe  
Chamava o sono como uma Lua branca,  
Vinha a boneca das faces vermelhas gastas pelos beijos  
Descansar num dos braços,  
Vinha o bicho empalhado, vivo  
Já pela força do amor,  
Pousar no outro —  
Agora sopra o vento da Morte,  
Arrasta as camisas por sobre os cabelos  
Que ninguém mais irá pentear.

### **CINGIDA JÁ PELO BRAÇO DO CONSOLO DOS CÉUS,**

Eis a mãe enlouquecida,  
Com o que lhe resta da razão destroçada,  
Com o rastilho da razão queimada,  
Amortalhando o filho morto,  
Amortalhando a luz perdida,  
Curvando as mãos, formando cântaros,  
Enchendo-os do ar com o corpo do filho,  
Enchendo-os do ar com seus olhos, seus cabelos,  
Com o seu coração esvoaçante —

Depois, beija esse filho do ar  
E morre!

### **CAIRAM HÁ MUITO AS SOMBRAS.**

Não falamos agora  
Do bater silente do tempo  
Que enche a casa da Morte —  
Folhas caídas da árvore da vida —

As sombras do horror caíram  
Pela ampulheta dos sonhos,  
Iluminadas pelo brilho profético de Daniel.

Negra floresta cresceu, opressora, em volta de Israel,  
Cantor da meia-noite de Deus.  
Desapareceu nas trevas,  
Já não tem nome.

Vós, rouxinóis em todas as florestas da Terra!  
Herdeiros emplumados do povo morto,  
Guias dos corações destroçados,  
Que de dia vos saciais de lágrimas,  
Soltai em soluços, soltai em soluços  
O terrível silêncio da garganta diante da Morte.

### **VÓS, ESPECTADORES**

Sob cujos olhares outros eram mortos.  
Como o olhar que sentimos nas costas,  
Assim também vós sentis no corpo  
Os olhares dos mortos.

Quantos olhos a apagar-se vos olharão  
Quando sairdes dos esconderijos para colher uma violeta?  
Quantas mãos erguidas, implorantes,  
Nos ramos, retorcidos como mártires,  
Dos velhos carvalhos?  
Quanta lembrança cresce no sangue  
Do Sol-poente?

Ah, as canções de embalar não cantadas  
No gemido nocturno da rola —  
Muitos poderiam ter feito descer estrelas à Terra,  
Agora é o velho poço que tem de o fazer!

Vós, espectadores,  
Que não erguestes mão assassina,  
Mas que não sacudistes o pó da vossa  
Nostalgia,  
E ficastes parados, lá onde ele se transforma  
Em luz.

### **CORO DOS QUE FORAM SALVOS**

NÓS, OS QUE FORAM SALVOS,  
De cujos ossos ocios a Morte cortava já as suas flautas,  
Em cujos tendões a Morte roçava já o seu arco —  
Ouve-se ainda o lamento dos nossos corpos  
Com a sua música mutilada.  
Nós, os que foram salvos —  
Diante de nós pendem ainda no ar azul  
Os braços entrançados para os nossos pescoços —  
Enchem-se ainda as ampulhetas com o nosso sangue gotejante.  
Nós, os que foram salvos —  
Alimentam-se ainda de nós os vermes do medo.  
A nossa estrela está enterrada no pó.  
Nós, os que foram salvos,  
Vos suplicamos:  
Mostrai-nos devagar o vosso Sol.  
Levai-nos a passo de estrela em estrela.  
Deixai-nos aprender de novo a vida, levemente.  
De contrário, a canção de um pássaro,  
O balde que se enche no poço, poderiam  
Fazer abrir a nossa dor mal selada  
E desapareceríamos como espuma —  
Nós vos suplicamos:  
Não nos mostreis ainda um cão que morda —  
Sabe-se lá, sabe-se lá  
Se não iríamos desfazer-nos em pó —  
Desfazer-nos em pó ante os vossos olhos.  
Que coisa sustenta ainda a nossa teia,  
Nós, os sem alento,  
Cuja alma voou para Ele do meio da noite  
Muito antes de o nosso corpo ser salvo  
Na arca do instante.  
Nós, os que foram salvos,  
Apertamos a vossa mão,  
Reconhecemos o vosso olhar —  
Mas só a despedida nos mantém ainda unidos,  
Só a despedida no pó  
Nos liga ainda a vós.

# BIOGRAFIAS

## **PASCAL MORAGUÈS** - clarinete

Clarinete Principal da Orquestra de Paris desde 1981, Pacal Moraguès é professor no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris desde 1995 e professor convidado da Escola Superior de Música de Osaka, no Japão, desde 2002.

Ao longo da sua carreira como solista, trabalhou com maestros de renome, incluindo Daniel Barenboim, Pierre Boulez, Semyon Bychkov, Carlo-Maria Giulini, Zubin Metha, Emmanuel Krivine, Frans Brüggen, Louis Langrée e Stephan Sanderling.

É membro do Quinteto Moraguès, do Mullova Ensemble, do Katia and Marielle Ensemble e é regularmente convidado pela Orquestra de Câmara da Europa.

No domínio da música de câmara, tocou com Sviatoslav Richter, Christian Zacharias, Daniel Barenboim, Elena Bashkirova, Christophe Eschenbach, Pascal Rogé, Christian Ivaldi, Brigitte Engerer, Itamar Golan, Stephen Bishop, Oleg Maisenberg, Joseph Kalichstein, Schlomo Mintz, Joshua Bell, Yuri Bashmet, Gary Hoffman, Nathalia Gutmann e Felicity Lott, com o Trio Guarneri e com os quartetos de cordas Borodine, Sine Nomine, Carmina, Amati, Prazák, Lindsay, Endellion, Jerusalem, Isaye, Parisii e Talich.

Pascal Moraguès actua com frequência em prestigiadas salas de concerto internacionais, como Wigmore Hall de Londres, Musikverein de Viena, Konzerthaus de Berlim, Carnegie Hall de Nova Iorque, Lincoln Center de Washington, Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Châtelet, em Paris, apresentando-se com regularidade no Japão, nos Estados Unidos da América, na Austrália, no Extremo Oriente e na Europa, em concertos e em cursos de aperfeiçoamento.

Pascal Moraguès realizou muitas gravações, com Sviatoslav Richter, Viktoria Mullova e o Quinteto Moraguès, tendo recebido prémios internacionais.

## **PRIYA MITCHELL** - violino

Priya Mitchell tem sido considerada como 'uma das mais conceituadas violinistas da sua geração' (The Strad). Estudou com David Takeno na Yehudi Menuhin School, com Zachar Bron na Alemanha, e frequentou dois anos do Conservatório de Viena.

Foi então escolhida como a representante britânica da European Concert Halls Organisation 'Rising Stars' dando recitais em Paris (Cité de la Musique), Viena (Konzerthaus), Frankfurt (Alte Oper), Amesterdão (Concertgebouw), Bruxelas (Palais des Beaux-Arts), Birmingham (Symphony Hall) e Nova Iorque (Carnegie Hall).

Este êxito conduziu-a a prestigiadas digressões e apresentações com, a Royal Philharmonic Orchestra, BBC Symphony Orchestra, BBC Philharmonic Orchestra, Bournemouth Symphony Orchestra, English Chamber Orchestra, London Mozart Players, Scottish Chamber Orchestra, Royal Liverpool Philharmonic, Philharmonia, entre outras.

Trabalhou com maestros como, Sir Andrew Davis, Yuri Temirkanov, Richard Hickcox, Emmanuel Krivine, Heinrich Schiff e Yan Pascal Tortelier.

No estrangeiro trabalhou com a Belgian Radio e a Television Philharmonic, Sinfonia Varsovia, a Polish Chamber Orchestra, Polish Radio Symphony Orchestra, a Australian Chamber Orchestra, a Moscow Philharmonic Orchestra, e a Deutsche Sinfonie-Orchester.

Na sua actividade como solista e intérprete de música de câmara Priya Mitchell apresentou-se em muitos festivais internacionais incluindo Schleswig-Holstein, Schubertiade Schwarzenberg, Kuhmo, Lockenhaus, Risør, Heimbach, Ravinia, Lugano, Cheltenham, Bath, Stavanger e outros.

Em 2007/08 actuou nos concertos de música de câmara com Maria Joao Pires no Wigmore Hall, no Eindhoven Festival e no festival Schloss Elmau Chamber Music.

Dos seus compromissos futuros destacam-se participações em festivais em Trondheim, Kuhmo e Cheltenham, na Salle Cortot em Paris e no Jewish Museum em Berlim.

Em Julho de 2000 criou o seu próprio festival – Oxford Chamber Music Festival – do qual é Director Artístico. *The Independent* referiu ‘é um festival que devia colocar Oxford no mapa da música clássica internacional’; muitos dos concertos têm sido transmitidos pela BBC.

#### **PAVEL GOMZKIAVOV – violoncelo**

Pavel Gomziakov nasceu na Rússia. Começou os estudos de violoncelo com Elena Kopilova e estudou com David Grigorian no Instituto Gnssin de Moscovo. Graduou-se no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, na classe de Violoncelo de Dmitri Muller.

Mais tarde, foi aluno de Natalia Shakhovskaya na Escola Superior de Música Rainha Sofia, em Madrid, e de Philippe Muller no Conservatório de Paris.

Fez *master-classes* com Boris Pergamenschikov, Natalia Gutman, Lynn Harrel, David Gerigas, Frans Helmerson e Miklós Perényi.

Violoncelista premiado com primeiros prémios em concursos internacionais recebeu ainda o prémio especial do júri no Concurso Tchaikovski de Moscovo.

Pavel Gomziakov apresentou-se como solista com orquestra em digressões na Europa, Rússia e Japão, sob a direcção, entre outros, dos maestros Jesus Lopez Cobos, Antoni Rós-Marba e Leonid Nicolaev.

Foi violoncelo solo convidado no Teatro Real de Madrid e no Teatro La Monnaie de Bruxelas.

Tem uma intensa actividade de música de câmara, tendo actuado, entre outros, com Gérard Caussée, Eldar Nebolsin, José Luís Garcia Asencio e Zakhar Bron.

É membro do Schostakovich-Ensemble (DSCH).

Pavel Gomziakov toca em duo com a pianista Maria João Pires.

Toca num violoncelo Bernardel Père de 1865, cedido pela Fundação Zilber.

Actualmente reside em Paris e desenvolve uma intensa actividade concertística

#### **FILIPE PINTO-RIBEIRO – piano**

Nasceu no Porto, em 1975.

O pianista Filipe Pinto-Ribeiro, doutorado com a máxima classificação pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, é considerado um dos músicos portugueses mais relevantes da actualidade.

Em Portugal, estudou com Helena de Sá e Costa e graduou-se com Pedro Burmester na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo, no Porto. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou entre 1996 e 2000 no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, sob a orientação da famosa professora Liudmila Roschina, chefe de cátedra de Piano, tendo concluído, com a classificação “Excelente” a todas as disciplinas, o Doutoramento em Interpretação Pianística.

Recebeu a influência de diversos mestres e participou, com frequência, em *master-classes* internacionais. Foi apreciado e aconselhado por alguns dos maiores nomes do panorama pianístico mundial, incluindo Elisso Virsaladze e Dmitri Bashkirov.

Filipe Pinto-Ribeiro é professor de Piano na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. Orienta frequentemente *master-classes* de piano.

Gravou diversos CD que obtiveram excelente receptividade por parte do público e da crítica musical. O seu CD de estreia, interpretando obras de M. Mussorgsky, A. Scriabin, D. Schostakovich, C. Debussy e M. Ravel, está já em segunda edição (Numérica 1118). O CD *Berlin Sessions* (Numérica 1105), gravado pelo pianista na capital alemã, contém sonatas de D. Scarlatti, C. Seixas, L. Beethoven, R. Wagner e S. Prokofiev. Gravou ainda um CD, em duo com a pianista Rosa Maria Barrantes, que

inclui obras de G. Fauré, E. Satie, C. Debussy, F. Poulenc e M. Ravel (Numérica 1119).

Em 2007, foi editado o seu último CD a solo intitulado *Bach: Piano Transcriptions* (Companhia Nacional de Música 170CD).

Desenvolve uma intensa actividade solística e camerística, abrangendo um vasto repertório que se estende do Barroco até aos nossos dias.

Fez a estreia em Portugal de obras como os *24 Prelúdios e Fugas*, op. 87 de D. Schostakovich, a *Chaconne* de S. Gubaidulina, o *Concerto para piano e orquestra*, op. 33 de A. Dvorák, o *Quinteto com piano*, op. 15 de E. W. Korngold, ou a versão para piano das *Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz* de J. Haydn.

Apresenta-se regularmente a solo com diversas orquestras e maestros em Portugal e no estrangeiro, como a Orquestra Filarmónica da Eslováquia, Orquestra Filarmónica da Arménia, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Nacional do Porto, sob a direcção, entre outros, dos maestros John Nelson, Marc Tardue, Roman Brogli-Sacher e Charles Olivieri-Munroe.

É membro do Quarteto Archino, agrupamento sediado em Bruxelas e que inclui ainda a violinista Tatiana Samouil, o violetista Yves Cortvrint e o violoncelista Justus Grimm. Filipe Pinto-Ribeiro é director artístico do Schostakovich-Ensemble (DSCH), com o qual se apresentou em concertos em cidades como Lisboa, Moscovo, Tallinn e Estocolmo.

Pianista laureado, tem actuado em algumas das principais cidades da Europa, Ásia e América, vendo o seu pianismo reconhecido como ímpar pela crítica especializada nacional e internacional.

### **SCHOSTAKOVICH-ENSEMBLE (DSCH)**

É um agrupamento musical com o intuito da excelência e do prazer da música de câmara.

Foi criado pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro em 2006, ano do centenário do nascimento do compositor Dmitri Schostakovich, e apresentou concertos em cidades como Lisboa, Estocolmo, Tallinn e Moscovo, obtendo excelente receptividade da crítica e do público.

Apresenta-se em diversas formações privilegiando o trio com piano, o quarteto com piano, o quarteto de cordas e o quinteto com piano, abordando um vasto repertório com obras de Johann Sebastian Bach, Wolfgang Amadeus Mozart, Joseph Haydn, Ludwig van Beethoven, Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Robert Schumann, Johannes Brahms, Piotr Tchaikovsky, Claude Debussy, Maurice Ravel, Fernando Lopes-Graça, Serguei Prokofiev, Armando José Fernandes, Dmitri Schostakovich e Sofia Gubaidulina, entre outros.

Desde a sua fundação, o Schostakovich-Ensemble contou com a participação dos violinistas Tatiana Samouil e Ludwig Dürichen, dos violetistas Natalia Tchitch e Tony Nys, dos violoncelistas Pavel Gomzkiakov e Justus Grimm, do contrabaixista Tiago Pinto-Ribeiro, dos cantores Zlata Rubinova e Yuri Kissin, dos pianistas Rosa Maria Barrantes e Filipe Pinto-Ribeiro, entre outros.

O Schostakovich-Ensemble tem a direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro.

### **PAULO NOZOLINO**

Nasceu em Lisboa, em 1955. Começou por estudar pintura, na Sociedade de Belas-Artes, mas cedo percebeu que tal talento não lhe assistia. Descobriu a fotografia em 1975 e até 1978 estudou na London College of Printing. Recebe o Prémio Kodak (Portugal - 1988), o Prix Fondation Leica (França-1989), a bolsa Villa Médicis Hors-les-Murs (Paris -1994) e recentemente, em 1995, o Grand Prix de la Ville de Vevey

(Suiça). Expõe e publica regularmente desde 1980 e as suas obras estão representadas em inúmeros museus e colecções privadas. Vive e trabalha entre Porto, Lisboa e Paris.

### **BEATRIZ BATARDA**

Nasceu em 1974. Como actriz, já integrou o elenco de mais de dez peças de teatro, encenadas por Luís Miguel Cintra, Diogo Dória, Carlos Pimenta, Christopher Morahan e Joseph Blatchley, entre outros. Em 1986 estreou-se no cinema em *Tempos Difíceis*, de João Botelho. Seguiram-se filmes realizados por Manoel de Oliveira, Margarida Cardoso, José Álvaro Morais, João Canijo e Mike Dowse, para referir apenas alguns. Participou em várias séries televisivas na Grã-Bretanha, Estados Unidos e Canadá.